

ESPORTES RADICAIS: INDÍCIOS DE UMA NOVA SOCIEDADE INTERNACIONAL EM UM MUNDO GLOBALIZADO?

Prof. Dr. Mario Sá (Faculdades Anhanguera)

Prof. Me. Leonardo Brandão (Faculdades Anhanguera/UFGD/UEMS)

Recebimento/Aprovação:

Artigo recebido em outubro de 2008 e aprovado para publicação em janeiro de 2009

Resumo:

Este artigo parte de uma perspectiva histórica que localiza o contexto bipolar da Guerra Fria e o relaciona ao papel dos esportes olímpicos enquanto “mediadores” das relações entre os Estados Nacionais e avança, com o advento da Globalização, para uma discussão que percebe nos esportes radicais (*surf, skate, bike* etc) novos registros de uma cultura desportiva em construção na contemporaneidade, menos relacionada a questões de nacionalismos e identidades nacionais e mais aberta à estética da performance individual e à formação de “tribos urbanas”. A partir dessas novas configurações e com o surgimento de competições características dessas atividades – como os *X-Games* – problematiza-se o lugar dessas novas práticas pelo prisma das relações internacionais.

Palavras-chave: Mundo Contemporâneo, Globalização, Relações Internacionais, Esportes.

Abstract:

This article from a historical perspective that locates the context of the bipolar Cold War and relates to the role of Olympic sports as "mediators" of relations between Member States, national and progresses, with the advent of globalization, for a discussion that we perceive sports (*surf, skateboard, bike* etc.) new records of a sports culture in construction in the contemporary, less related to issues of nationalism and national identities and more open to individual performance and aesthetics of the formation of "urban tribes". From these new settings and with the appearance characteristics of competitions such activities - as the *X-Games* - questions is the place of these new practices through the prism of international relations.

Keywords: Contemporary World, Globalization, International Relations, Sports.

Relações internacionais, cultura e esportes

Nos últimos trinta anos no Brasil a ciência das Relações Internacionais vem ganhando uma maior visibilidade no cenário profissional, acadêmico e uma maior percepção da sociedade sobre sua existência e importância. Dentre os seus apreciadores encontramos um crescente interesse do público jovem. É só observar o aumento na procura pela carreira nos vestibulares que é possível fazer essa constatação.¹

Esse interesse reflete uma tendência internacional que foi se desenhando, principalmente, após o advento da Segunda Guerra Mundial, no contexto da Guerra Fria². É nesse período, resumido por Raymond Aron como de “paz impossível, guerra improvável”, onde o aumento do poderio bélico passou a limitar as possibilidades de um novo confronto mundial, que o papel dos agentes das relações entre os Estados ganha impulso.

Ainda que essa ciência tenha surgido com os objetivos de tentar entender, de forma racional, o papel dos Estados Nacionais no sistema internacional e o de prescrever “padrões de comportamento” para as estruturas diplomáticas nas relações entre esses Estados (Morgenthau, 2003), com o tempo, ela veio passando por ampliações nos seus papéis e inserções de novos agentes sociais.

Esse conjunto de papéis e agentes formou aquilo que Aron chamou de sociedade internacional. Ele a definiu como “uma totalidade que incluiria ao mesmo tempo o sistema interestatal, o sistema econômico e os movimentos transnacionais, as sociedades e as instituições supranacionais” (Aron, 1997: 27). Ao lado das tradicionais forças estatais no cenário das relações internacionais, passaram a fazer parte atores como as empresas multi ou transnacionais, organizações civis não governamentais e a própria sociedade, pensada em sua dimensão internacional.

Um elemento que vem contribuindo para o aumento do peso dessa sociedade, no cenário internacional, é o que resultou do advento da comunicação de massas, através da

mídia escrita, falada, televisada e, mais recentemente, a eletrônica. Esses meios acabaram por tornar públicas muitas das ações dos representantes dos Estados Nacionais que antes ficavam restritas a determinados círculos dos poderes estatais constituídos. Com informações mais imediatas às decisões tomadas, essa opinião pública vem se constituindo em um importante vetor na resultante das tomadas de decisões desses agentes estatais.

A percepção da presença dos novos agentes na “sociedade internacional” fez com que os produtores de conhecimento no campo das Relações Internacionais passassem a dialogar com outras ciências, como a História, a Sociologia, a Economia e a Antropologia de uma forma mais abrangente e, mais que isso, buscassem empréstimos em seus campos teórico-metodológicos. É o caso do diálogo que se vem constituindo entre as ciências das Relações Internacionais e da Antropologia Cultural. Essa, dentre outras contribuições, vem apontando para a importância do papel da cultura no entendimento e explicação dessas sociedades e seus diálogos culturais nesse espaço internacional.

Há mais de três décadas a percepção da importância da cultura para o entendimento das sociedades vem gerando um aumento no debate dessa questão em diversos fóruns internacionais. Esse debate acabou por cunhar um conceito para cultura resultante dos encontros da Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais (Mondiacult, México, 1982), da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento (Nossa Diversidade Criadora, 1995), da Conferência Intergovernamental sobre Políticas Culturais para o Desenvolvimento (Estocolmo, 1998), publicado pela UNESCO na “Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural”. Segundo esses fóruns, a:

[...] cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças.³

Assim, para compreender as sociedades mister se torna a compreensão de suas culturas e, por conseguinte, de seus traços distintivos. Indo além, o conceito de cultura pode ser pensado como “o conjunto de modos de fazer, interagir e representar desenvolvido pelos homens como uma solução ou resposta para as necessidades de sua vida em comum” (Macedo, 1989). Nessa abordagem os traços distintivos ganham um sentido como produtores de soluções ou respostas para a vida. Em última instância a cultura passa a ser a produção material ou imaterial de um povo, como soluções ou respostas.

Em um recente artigo intitulado “Cultura e sociedade internacional: uma conjunção possível entre Clifford Geertz e Hedley Bull”, Arend Neto procurou estabelecer uma relação entre a cultura, como conceito antropológico, e aplicá-lo às práticas da sociedade internacional (Arend, 2005). O diálogo se fez a partir do emprego do conceito de “princípios ou códigos públicos”, utilizados por Geertz⁴, sobre as instituições estruturantes da sociedade internacional proposta por Redley Bull (2002). O autor destaca que:

[...] quando Hedley Bull define sua sociedade internacional, ele considera como suas instituições estruturantes justamente o respeito à autodeterminação dos estados entre si; a solução de problemas através da diplomacia entre os membros do sistema, e a manutenção do equilíbrio deste sistema. Considero cada um desses elementos como sendo extensões internacionalizadas dos princípios de liberdade, democracia e paz, respectivamente (Arend, 2005: 13-14).

Esse novo elemento permite aprofundar a reflexão anterior no sentido de pensar a cultura como solução ou resposta, no cenário da sociedade internacional, para as questões referentes à liberdade, à democracia e à paz. Pensando apenas nesse último, é possível conjecturar que um dos elementos culturais que mais vem sendo associado a uma ideia de cultura da paz é o relacionado às práticas desportivas realizadas entre países em eventos como copas do mundo, encontros pan-nacionais e, a de maior destaque, as olimpíadas. Essas práticas e seus praticantes vêm desempenhando “funções” de “embaixadores da paz” no cenário internacional.

Esse papel vem sendo fortalecido no imaginário daqueles que compõe a sociedade internacional. E, nesse universo, as práticas de confronto, para além das arenas desportivas, são execradas. Os espaços de suas realizações acabam por se configurar simbolicamente em uma espécie de santuário da paz. Se por um lado essa percepção contribui para um espaço de culto à paz, por outro, ela se torna campo fecundo para realização de atos contestatórios, pois a realização das mesmas em seus interiores ganha contrastes e dimensões extremadas.

Em relação ao primeiro caso é possível pensar um acontecimento bastante conhecido para os que acompanham o futebol no Brasil. Ainda que gerando controvérsia, tem-se nesse meio a famosa história da “guerra suspensa”, ocorrida em uma viagem do time de futebol do Santos Futebol Clube, quando de uma excursão ao continente africano. Segundo o jornalista Gilberto Castor Marques:

[...] enviado especial de "A Tribuna", que acompanhava o Peixe escreveu que quando o Alvinegro chegou na cidade de Benin, foi decretado feriado na parte da tarde daquele dia pelo governador da região nigeriana, tenente coronel Samuel Ogbemudia, o qual também autorizou que a ponte sobre o rio que ligava Benin a cidade de Sapele tivesse a passagem liberada para que todos, indistintamente, pudessem assistir ao jogo.⁵

Em um outro contexto é possível pensar nas olimpíadas de Atenas, em 2004, onde as Coreias do Norte e do Sul, representantes históricas das guerras localizadas desenvolvidas no contexto da Guerra Fria, desfilaram sob a mesma bandeira, realizando assim uma aproximação simbólica de grande relevância para as relações internacionais.

No sentido oposto, ao do espaço da paz para a manifestação das soluções ou respostas às questões da sociedade internacional, temos exemplos como o da controversa história envolvendo Adolf Hitler que, nas olimpíadas de Berlim em 1936, teria se recusado a premiar o velocista estadunidense Jessé Owens. Outro caso mais afeito ao campo das relações internacionais foi o do atentado terrorista sofrido pela delegação de Israel promovido pelo grupo Setembro Negro, vitimando 17 pessoas (11 israelenses, 5 terroristas e 1 policial). Ainda

mais recentemente, nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, ocorreu o processo de manifestação de um movimento separatista do Tibet, anexado à China desde 1951.

As olimpíadas também têm sido palco de manifestações políticas no âmbito das relações internacionais. As questões ligadas à Guerra Fria acabaram por respingar nos Jogos Olímpicos. Foi o caso do boicote estadunidense às olimpíadas de Moscou em 1980. O motivo alegado foi o da invasão do Afeganistão promovida pela União Soviética. Em 1984 foi a vez de a União Soviética boicotar as olimpíadas de Los Angeles, alegando falta de segurança para a sua delegação.

Por último, vale a pena destacar o papel do esporte como cartão de visitas de um país diante da sociedade internacional. O Brasil é ainda bastante reconhecido no exterior pela qualidade histórica de seu futebol. Nomes como o de Pelé, Ronaldinho e outros estão na ponta da língua de habitantes de países bastante distantes geograficamente e sem grande ligação com a nossa história. A percepção da importância do futebol brasileiro no cenário internacional pode ser exemplificada pela sua utilização no ano de 2004, no chamado “jogo da paz” entre a seleção brasileira e a do Haiti como parte da missão de paz da ONU no país, da qual o Brasil foi importante parceiro, conhecida como MINUSTAH.

A participação cubana nas olimpíadas e em outras competições internacionais, após a implantação do comunismo, projetou ao longo de muitos anos, uma visão positiva do país que acabava por contribuir na refutação negativa de seu modelo político, bastante difundida pelo bloco capitalista liderado pelos Estados Unidos. Outro exemplo foi o ocorrido nas olimpíadas de Pequim (2008) em que os corredores da Jamaica colocaram o país na mídia internacional e projetaram uma imagem positiva do país, como poucos acontecimentos haviam conseguido.

Esse conjunto de exemplos deixa clara a ligação entre as práticas desportivas e o seu papel na lógica dos Estados Nacionais. Não por acaso o *boom* dessas práticas está associado ao da corrida imperialista⁶, período esse caracterizado pela exacerbação do nacionalismo.

Ranger e Hobsbawm chamam a atenção para o fato de que esse momento histórico foi fecundo em “Invenção das Tradições”.⁷ Um dos exemplos utilizados pelos autores se refere à prática dos esportes coletivos. Segundo eles:

A adoção dos esportes, principalmente o futebol, como culto proletário de massa é igualmente confusa, porém sem dúvida igualmente rápida. Neste caso, é mais fácil estabelecer uma cronologia. Entre meados da década de 1870, no mínimo, e meados ou fins da década de 1880, o futebol adquiriu todas as características institucionais e rituais com a qual estamos familiarizados...(...). Além disso, ao contrário de outros esportes com bases proletárias locais ou regionais – tais como o *rugby union*, no Sul de Gales, o críquete, em certas áreas do norte da Inglaterra – o futebol funcionava numa escala local e nacional ao mesmo tempo (...).

Essa associação entre práticas desportivas e Estados Nacionais vem sendo mantida desde então. No entanto, de forma crescente, no último quartel do século XX, os espaços ocupados pelos Estados Nacionais começaram a ser redimensionados como parte de uma nova ordem mundial, fenômeno conhecido por globalização⁸. Renato Ortiz chama a atenção para um “dilema” que se apresenta nessa nova ordem onde “a debilitação do Estado-nação lhe retira poder. Sua capacidade de ação ante uma conjuntura na qual as decisões de ordem transnacional são cada vez mais importantes torna-se limitada” (2001: 46). Ainda segundo o autor

Com a Revolução Industrial, o Estado-nação é pensado como o lugar ideal para a realização do universal da modernidade. Em um mundo globalizado, a relação nação/modernidade cinde-se, pois a modernidade-mundo transborda as fronteiras existentes. O que antes era visto como lugar privilegiado de universalidade torna-se pequeno, circunscrito (Ibidem).

Essas transformações vêm permitindo que algumas formas de organizações sociais e institucionais surjam ou modifiquem as suas atuações nessa sociedade internacional. Ortiz analisa o papel da religião nesse novo “lugar”, apontando que “devido à sua vocação transnacional, a religião, pelo menos em tese, pode atuar de forma mais abrangente sem o constrangimento das forças locais”. Assim, no mundo globalizado, o “seu caráter universalista lhe dá outras possibilidades de ação; possibilidades em grande parte denegadas ao Estado-

nação” (2001: 46). Este artigo é apenas um exemplo da necessidade de analisar o papel desses vários atores diante desse quadro.

É nesse debate que se faz possível a inserção do campo dos esportes. Nele, um conjunto de modalidades vem ganhando destaque em âmbito internacional. Diferente dos esportes até então tratados, estes não vêm se constituindo em símbolos ou representantes de nacionalidades. Os esportes radicais, como vêm sendo conhecidos, parecem mais afeitos a uma configuração onde a individualidade e a subjetividade ganham destaques em detrimento da coletividade e da nacionalidade.

A fim de buscar uma reflexão acerca dos possíveis papéis que essas novas modalidades desportivas passam a exercer no cenário das Relações Internacionais, este artigo irá analisar um tripé composto por Globalização, Relações Internacionais e Esportes Radicais.

Relações internacionais e esportes radicais

Em termos estatísticos, a quantidade de praticantes de atividades físicas vem aumentando consideravelmente nas últimas décadas. Segundo a pesquisadora Sophie Body-Gendrot, “entre 1960 e 1980, o número de americanos que praticam um esporte passou de 50 para 100 milhões” (Body-Gendrot 1991: 559). Em grande parte, este fenômeno está associado a preocupações com o corpo e, em especial, com as aparências. Pelo menos é o que afirma Ana Márcia Silva⁹, professora da Universidade Federal de Santa Catarina, que considera o cuidado com o corpo uma exigência dos tempos atuais (2001). No entanto, há também uma série de outros fatores que contribuem para a propagação das atividades físicas, como o aumento do tempo livre, a crescente valorização do prazer, do lúdico e do lazer na sociedade contemporânea.

No Brasil, nomes reconhecidos da vida acadêmica vêm apresentando preocupações no sentido de se prestar maior atenção às atividades esportivas. Para o professor da USP, Flávio de Campos, a dimensão social que os esportes e os jogos assumiram nos últimos anos, e em especial nos dias atuais, fornece “uma chave interpretativa extremamente fecunda para a análise das mais diversas formações sociais.”¹⁰ Para a historiadora Denise Bernuzzi de Sant’Anna, mais do que simples exercícios físicos, as manifestações esportivas são representativas de um certo sentido histórico e comportamental, ligando-se a inúmeras esferas da vida cotidiana. Em suas palavras, “examinar o esporte, nas suas formas insólitas ou clássicas, implica penetrar na compreensão das expectativas e dos fascínios de uma determinada cultura” (2000: 21).

Atualmente, muitas manifestações esportivas – que acabaram sendo denominadas pela grande mídia como “esportes radicais” - passaram a ganhar espaço em muitos países do Ocidente ao proporem atividades diferenciadas dos esportes olímpicos atuais. Segundo uma revista norte-americana, a *Times Magazine*¹¹, algumas estatísticas demonstram uma queda na prática dos esportes olímpicos e um vigoroso aumento em alguns esportes considerados radicais.

Essa mutação das práticas esportivas, como explica o professor da Universidade Católica de Brasília, Alfredo Feres Neto, “desafia os tradicionais critérios utilizados para conceituar esta manifestação da cultura, ou seja, não apresentam as mesmas características dos esportes tradicionais” (2001: 70). Este autor argumenta em sua tese de doutoramento¹² que o esporte, atualmente, tornou-se polissêmico e passou a designar uma variedade de atividades que não atendem mais somente aos critérios da competição, comparação de desempenhos, busca da vitória ou recorde.

Inexistente durante a Idade Média, como assegura o medievalista francês Jacques Le Goff (2006: 151), o esporte vai encontrar somente no século XIX – sublimando seu passado

na antiguidade greco-romana - um ambiente propício para se desenvolver. Deste modo, os critérios citados por Alfredo Feres Neto – vitória, competição, desempenho etc - remontam aos anos finais deste período, época em que a Revolução Técnico-Científica (também conhecida como a Segunda Revolução Industrial), o Imperialismo e a Corrida Armamentista culminariam na Primeira Guerra Mundial (1914/1918). Nesse contexto, o historiador Nicolau Sevcenko argumenta que:

Num mundo em que as máquinas, para a produção ou para a guerra, haviam se tornado onipresentes em curtíssimo espaço de tempo, o esporte era o recurso por excelência para o condicionamento dos corpos às exigências da nova civilização mecânica [...] É por isso que os esportes se baseiam no desempenho físico medido contra o cronômetro, em modalidades de equipes adaptadas à rigorosa coordenação coletiva, articulam-se em organogramas de classes, categorias e *rankings* e são programados por tabelas progressivas de recordes, equipamentos, sistemas e métodos(2001: 107).

No entanto, mesmo havendo esses critérios de competição, recorde, busca da vitória também nos esportes radicais, o surgimento dessas novas modalidades, as quais passaram a se expressar com maior intensidade no limiar do século XX, fez com que novas ambições surgissem e intensificassem a experiência esportiva. Para Alfredo Feres Neto, esses fenômenos estariam associados à crescente tendência, por parte de inúmeras pessoas, em vivenciar o *fator risco* como um componente essencial em suas relações pessoais e sociais. Por esses motivos, o autor defende que essas novas manifestações, em curso na contemporaneidade, “ampliam o conceito de esporte e, portanto, merecem novos olhares” (2001: 69).

Segundo Christian Pociello (1995), professor da Universidade de Paris e diretor do *Centre de Recherches sur la Culture Sportive*, os “esportes radicais” representam uma mudança no registro das práticas culturais normalmente incluídas entre os exercícios físicos de caráter esportivo. Deste modo, atividades como *surf, bike, snowboard, rapel, rafting, bungee jump, trekking, wakeboard, wind surf, skate, roller* e *vôo livre* - os quais figuram como os exemplos mais conhecidos e de maior popularidade - trariam não só uma proposta

diferenciada de exercícios físicos, mas uma própria mudança no que se convencionou a classificar como “esporte”.

Em primeiro lugar pode-se notar uma tendência à estetização e produção de novos gestos e investimentos corporais, individualizando os comportamentos em oposição aos esportes de jogo coletivo. Além disso, observa o professor que essas atividades também requerem novos espaços de exercício, os quais não correspondem aos tradicionalmente elaborados para a prática esportiva. Para Pociello, “a hábil pilotagem dessas máquinas, como o surf, o skate, pranchas, asas delta e caiaques, produz novos gestos acrobáticos ou aéreos, permite a exploração de novas energias, busca novas sensações e abre novos espaços de jogos” (1995: 117).

Recentemente, foi elaborada uma classificação para essas novas atividades físicas levando em conta o ambiente em que são praticadas, isso as dividiu em esportes radicais aéreos, aquáticos e terrestres. Para o educador físico Ricardo Ricci Uvinha (2001: 22), apesar de existir uma grande variedade de esportes radicais, os que mais se sobressaem – seja pela quantidade de adeptos ou pelo mercado que movimentam - são os praticados na cidade, em espaço urbano, como o skate, o *roller* (patim) e a *bike* (bicicleta).

No Brasil, essas três atividades são bastante praticadas¹³, havendo, por parte da mídia, um certo destaque dado ao skate em relação às demais. A existência de inúmeros programas sobre skate na televisão¹⁴, principalmente na TV a cabo, no cinema¹⁵, e a quantidade de revistas e *zines* dedicadas ao skate dão prova do fenômeno que ele representa na contemporaneidade. Mas esses enfoques midiáticos ocorrem, entre outros motivos, tanto em função da quantidade de skatistas brasileiros com títulos de campeões mundiais – Bob Burnquist, Sandro Dias “Mineirinho”, Rodil de Araújo Jr., Carlos de Andrade, Rodrigo Meneses, entre outros – quanto pelo grande número de praticantes dessa atividade: o skate é o segundo esporte mais praticado no Brasil¹⁶, sendo que sua popularidade nos dias atuais levou

até a criação, no Estado de São Paulo, do dia do skate (03 de agosto), conforme lei proposta pelo Deputado Estadual Alberto Hiar.¹⁷

O fato é que a ascensão dos Esportes Radicais pode revelar mais um dado interessante para as relações internacionais, uma vez que o aumento no número de praticantes destas novas modalidades desportivas resulta no aparecimento de campeonatos internacionais e de grande apelo midiático. Para explorar um pouco esta questão, vale a pena situar a discussão em torno de um ponto importante: a criação e a ascensão das Olimpíadas dos Esportes Radicais, chamada *X-Games*, que teve sua primeira edição no ano de 1995, entre os dias 24 de junho e primeiro de julho nos Estados Unidos da América. Para esta primeira competição, foram elencados os seguintes esportes radicais: *Bungy Jumping*, *Eco-Challenge*, *In-line Skating*, *Skateboarding*, *Skysurfing*, *Sport Climbing*, *Street Luge*, ciclismo e alguns esportes aquáticos. Com um público de aproximadamente 198.000 espectadores, o evento contou com patrocinadores como a *Advil*, *Moutain Dew*, *Taco Bell*, *Chevy Trucks* e, entre outros, a *Nike*. Com o sucesso do evento, a rede de televisão ESPN resolveu realizar o campeonato continuamente, sendo que em 1996 seu nome original, “*Extreme Games*”, foi oficialmente mudado para “*X-Games*”, o que facilitou sua internacionalização e o fez contar com um público de 200.000 espectadores. Ainda este ano, foi criado o *Winter X Games*, evento televisionado para 198 países e em 21 idiomas diferentes.

A sucessão das edições dos *X-Games* passou a demonstrar um enorme interesse por parte do público, sendo a quantidade de espectadores um dado numérico em ascensão. Em 1998, por exemplo, aconteceu o *Asian X-Games*, a primeira edição internacional dos *X-Games*, isto é, ocorrida em território não americano. Em 1999, o quinto *X-Games*, sediado em San Francisco, contou com um público de 275.000 espectadores. Entre os dias 21 e 24 de março de 2002, a ESPN realizou uma etapa classificatória para os *X-Games* na cidade do Rio

de Janeiro. Este evento reuniu 200 competidores da América Latina e alcançou a incrível marca de 30 milhões de espectadores quando foi televisionado “ao vivo” pela Rede Globo.

Além do Brasil, países de todo o mundo passaram a sediar eventos classificatórios para os *X-Games*. Em julho de 2003, por exemplo, 20 países da Europa enviaram seus atletas para competir numa etapa classificatória em Barcelona. A etapa mais recente dos *X-Games* que aconteceu no Brasil foi em 2008, quando a cidade de São Paulo sediou¹⁸, entre os dias 24 e 27 de abril, no Sambódromo do Anhembi, um evento que reuniu um público presente de mais de 40 mil espectadores, que assistiram competições de skate, moto e *roller in-line* (patins).

Considerações finais

Não obstante o aparecimento e o sucesso dos *X-Games*, uma questão se coloca como problemática: seriam os competidores desses eventos radicais personalidades que, em ação, representariam suas nacionalidades assim como os esportistas ligados à tradição olímpica? O skatista ou o praticante de *roller in-line* fariam pela nação o mesmo papel de mediadores como os praticantes de esportes mais convencionais vêm tradicionalmente realizando? Estaria o mundo globalizado caminhando para uma nova ordenação de suas práticas esportivas e, por obedecerem essas a um novo registro cultural desportivo, acabariam pouco implicadas a noções como nação, nacionalismo e identidade nacional? O fato é: os esportistas radicais representam seus países ou as marcas, na maioria das vezes transnacionais, que os patrocinam? Nesta nova dinâmica em construção, o que esperar dessas manifestações esportivas enquanto mediadoras das relações internacionais?

Retomando o conceito de sociedade internacional, apresentado no início desse artigo, é possível conjecturar que os esportes radicais possam estar associados aos seus novos

elementos, como empresas multi e transnacionais, ou às manifestações individuais, em oposição às coletivas, bastante presentes nas sociedades atuais. Pode-se, indo além, buscar uma associação entre o fenômeno da globalização como redefinidor do papel das relações dos Estados Nacionais nessa nova lógica mundial, e, por conseguinte, como propiciador de um campo fecundo para o desenvolvimento de novas formas de práticas esportivas. Essas acabaram por se desenvolver mais afeitas aos novos agentes dessa sociedade internacional e menos relacionadas aos Estados Nacionais.

Este artigo não tem a pretensão – nem poderia - de colocar respostas prontas ou definitivas para essas questões que envolvem as relações internacionais e o campo esportivo. Seu objetivo está em justamente apontar problematizações que, aos poucos, vêm ganhando espaço na contemporaneidade. Se os internacionalistas contavam com os esportes olímpicos enquanto “parceiros” em suas mediações, faz-se necessário também atinar para essas novas e diferenciadas atuações que os esportes radicais propõem nos tempos atuais.

Mesmo com a continuidade e a força das Olimpíadas, como foi demonstrada em 2008 em Pequim, na China, a questão é que essas novas configurações esportivas merecem ser pesquisadas e compreendidas dentro de um processo de globalização e mundialização. Que sirvam como pedra-de-toque para renovadas reflexões sobre a confusa, movediça e contraditória “aldeia global” – termo que por si só, para usar uma metáfora cara ao sociólogo Michel Mafessoli (2000), parece evocar mais “tribos” do que nações.

Notas:

¹ Ver guiadoestudante.abril.com.br/index.shtml

² Aqui pensada como o período entre o final da Segunda Guerra Mundial e o final da década de 1980 onde boa parte do mundo ficou dividida entre o bloco capitalista, liderado pelos Estados Unidos e o socialista, liderado pela União Soviética.

³ Declaração universal sobre a diversidade cultural. In: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000115.pdf>, acesso em 17 de setembro de 2008.

⁴ GEERTZ, Clifford. La interpretación de las culturas. Barcelona: Gedisa, 2000. Segundo o autor ver especialmente os capítulos “Descripción densa: hacia una teoría interpretativa de la cultura” (p. 19-40) e “Ideología como sistema cultural” (p. 171- 202).

⁵ In: http://santos.globo.com/noticias_coluna.php?cod=14592, acesso em 17 de setembro de 2008.

⁶ Aqui compreendida como sendo o período entre o último quartel do século XIX e o primeiro do XX, onde países que haviam realizado o seu processo de Revolução Industrial buscaram aumentar a sua dominação política sobre outros países, industrialmente menos desenvolvidos, visando aumentar o seu poderio internacional no âmbito do capitalismo mundial.

⁷ “O termo ‘tradição inventada’ é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as ‘tradições’ realmente inventadas construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez” (HOBSBAWM & RANGER, 1997, p. 9).

⁸ O conceito de globalização deve atentar, como propõe Renato Ortiz, para as seguintes questões: “a) trata-se de um processo social que atravessa os lugares de maneira diferenciada e desigual; b) sua lógica não se explica através do Estado-nação, daí falarmos em “sociedade global”, *world system*, “modernidademundo”; e c) a noção de espaço e de tempo é redefinida neste contexto” (ORTIZ, 2001, p. 64).

⁹ “O termo ‘tradição inventada’ é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as ‘tradições’ realmente inventadas construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez” (HOBSBAWM & RANGER, 1997, p. 9).

¹⁰ *Folha de São Paulo*, Caderno Mais! 08/08/2004, p. 03.

¹¹ *Times Magazine*, setembro de 1999, p. 06.

¹² NETO, Alfredo Feres. *A virtualização do esporte e suas novas vivências eletrônicas*. 2001. Tese (doutorado em educação). Universidade Estadual de Campinas.

¹³ Embora o uso da bicicleta seja predominante no Brasil, ele não o é como atividade radical, mas sim como locomoção. Já o patim passou a ser utilizado como atividade radical somente na metade da década de 1990, época que surgiu no mercado um modelo alternativo de botas, situando as rodas numa mesma perspectiva retilínea, o que levou o patim a ser chamado de *roller in-line*.

¹⁴ Ver o programa *SKTV*, da rede Cultura, exibido quinzenalmente aos sábados às 10h:30min.

¹⁵ Como no filme *Grind*, lançado em 2003, que narra as aventuras de quatro jovens (interpretados por *Mike Vogel*, *Vince Vieluf*, *Adam Brody* e *Joey Kern*) em Chicago/EUA, que buscam espaço no mundo disputado do skate profissional. *Grind* foi dirigido por *Casey La Scala* e produzido por *Gaylord Films* e *Gerber Pictures*.

¹⁶ *Folha de São Paulo* (Folhinha) - 15/06/2003.

¹⁷ *Revista 100% Skate*, n. 79, 2004, p. 86.

¹⁸ *Revista 100% Skate*, n. 123, 2008, p. 84.

Referências

AREND NETO, Hugo Carlos. Cultura e sociedade internacional: uma conjunção possível entre Clifford Geertz e Hedley Bull. *Biblos (Rio Grande)*, Rio Grande, RS, V. 17, n. 1, p. 7-22, 2005.

ARON, Raymond. *Os últimos anos do século*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1997.

BODY-GENDROT, Sophie. Uma vida privada francesa segundo o modelo americano. In PROST, Antoine & VINCENT, Gerard (orgs). *História da Vida Privada* (Da primeira Guerra a nossos dias). São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BULL, Hedley. *A sociedade anárquica*. Brasília: UnB/Imprensa Oficial do Estado/IPRI, 2002.

GEERTZ, Clifford. *La interpretación de las culturas*. Barcelona: Gedisa, 2000.

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LE GOFF, Jacques. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MACEDO, Carmen Cinira. *Imagem do Eterno: Religiões do Brasil*. Coleção Polêmica. São Paulo: Moderna, 1989.

MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. São Paulo: Forense Universitária, 2000.

MORGENTHAU, Hans Joachim. *A política entre as nações: a luta pela guerra e ela paz*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/ Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

NETO, Alfredo Feres. Produção de subjetividade, subjetivação e objetivação: algumas contribuições de Félix Guattari e Pierre Lévy para a Educação Física. *Motrivivência*. Florianópolis: UFSC Ano XII, nº 17, 2001.

_____. *A virtualização do esporte e suas novas vivências eletrônicas*. 2001. Tese (doutorado em educação). Universidade Estadual de Campinas.

ORTIZ, Renato. Anotações sobre religião e globalização. *Rev. bras. Ciências Sociais*, São Paulo, v. 16, n. 47, 2001 . Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092001000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 Set 2008. doi: 10.1590/S0102-69092001000300004

POCIELLO, Christian. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (org^a). *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1995

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. "Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções". *Motrivivência*. Florianópolis: UFSC, Ano XI, n.º 15, Agosto de 2000, p. 21.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

SILVA, Ana Márcia. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*. Campinas, SP: Autores Associados: Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.

UVINHA, Ricardo Ricci. *Juventude, lazer e esportes radicais*. São Paulo: Manole, 2001.

Dados sobre os autores

Prof. Dr. Mario Teixeira de Sa Junior: Professor adjunto da Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD. Doutor em História pela Universidade Estadual de São Paulo UNESP/Assis

Prof. Me. Leonardo Brandão: Doutorando em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP.